



DO SERTÃO DA BAHIA PARA *OS SERTÕES*: A SUCESSÃO DE EUCLIDES DA CUNHA POR AFRÂNIO PEIXOTO NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Eucleia Gonçalves Santos*

Universidade Federal do Paraná - UFPR

eucleiags@gmail.com

Vanderlei Sebastião de Souza**

Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO

vanderleidesouza@yahoo.com.br

RESUMO: Tendo como ponto de partida a posse de Afrânio Peixoto (1876-1947) na Academia Brasileira de Letras, em sucessão a Euclides da Cunha (1866-1909), o objetivo deste artigo é entender como o debate sobre o sertão e os sertanejos mobilizou os intelectuais brasileiros a partir da publicação da obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. De forma mais específica, nosso interesse é entender como Afrânio Peixoto, um médico e escritor nascido e identificado com o sertão baiano, se apropria da obra e das representações de Euclides da Cunha para se projetar entre os intelectuais brasileiro no início do século XX, sobretudo no concorrido espaço da Academia Brasileira de Letras. Deste modo, o presente artigo busca analisar as aproximações e distanciamentos de Afrânio Peixoto em relação a Euclides Cunha, seja no que tange as leituras e interpretação sobre o sertão, seja na descrição de suas personalidades ou de suas identidades intelectuais.

PALAVRAS-CHAVE: Afrânio Peixoto – Euclides da Cunha – Sertão – Interpretações do Brasil

FROM SERTÃO OF BAHIA TO *OS SERTÕES*: THE SUCCESSION OF EUCLIDES DA CUNHA BY AFRÂNIO PEIXOTO IN THE BRAZILIAN ACADEMY OF LETTERS

ABSTRACT: The objective of this article is to understand how the debate about the construction of images and representations about the backlands and the 'sertanejos' mobilized the Brazilian intellectuals around the publication of the book *Os Sertões*, by Euclides da Cunha. More specifically, our interest is to understand how Afrânio Peixoto (1876-1947), a physician and writer born and identified with the Bahian backlands, appropriates the work and representations of Euclides da Cunha to project himself among Brazilian intellectuals in the early 20th century, especially in the space of the Brazilian Academy of Letters. Thereby, the present article seeks to analyze Afranio Peixoto's approximations and distances in relation to Euclides Cunha, whether in terms of reading and interpretation about the backlands or in the description of their personalities or their intellectual identities.

* Doutoranda em História pela Universidade Federal do Paraná – UFPR.

** Professor do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, PR. Doutor em História das Ciências pela Casa Oswaldo Cruz – COC/Fiocruz.

KEY-WORDS: Afrânio Peixoto – Euclides da Cunha – Sertão - Interpretations of Brazil

Em 11 de agosto de 1911 entrava para a Academia Brasileira de Letras (ABL) o jovem médico e escritor baiano Júlio Afrânio Peixoto (1876-1947). Sua recepção como um dos imortais da Academia era aguardada com grande expectativa, sobretudo pelo sucesso alcançado com a publicação de seu primeiro romance *A Esfinge*, publicado em 1911. Quando de seu ingresso na ABL, Afrânio Peixoto era conhecido no círculo intelectual da Primeira República por suas atividades como médico e higienista, tendo atuado ao lado de Oswaldo Cruz na campanha pela reforma sanitária do Rio de Janeiro. Utilizando-se de boa retórica, tecendo contatos pontuais e dominando um amplo arsenal científico e literário, o jovem escritor circulava com maestria pelos cafés e livrarias do Rio de Janeiro, conquistando apreço e legitimidade entre os homens de letras. Como um jovem escritor nascido no sertão da Bahia, a sua recepção no mundo das letras deveu-se muito a sua habilidade em cultivar relações intelectuais e políticas estratégicas para sobreviver no concorrido círculo intelectual da Capital Federal.

Formado médico pela Faculdade de Medicina da Bahia no ano de 1897, defendendo a tese intitulada *Epilepsia e Crime*, orientada por Nina Rodrigues e aclamada por cientistas estrangeiros, Afrânio Peixoto chegara ao Rio de Janeiro em 1901 com o propósito de prestar concurso para a cadeira de Medicina Legal, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (FMRJ). Até que o concurso acontecesse, Peixoto fez valer suas relações sociais, no intuito de manter-se na Capital Federal. Para isso, contou com a interferência e apoio de relações tecidas a partir do curso de medicina na Bahia. Tratava-se de nomes como Góes Calmon, Severino Vieira e José Joaquim Seabra, membros da oligarquia política baiana com projeção no cenário nacional. Sua inserção no campo médico e científico da Capital Federal também foi articulada a partir de sua proximidade com Nina Rodrigues e Juliano Moreira, antigos mestres da Faculdade de Medicina da Bahia e nomes já consagrados no interior do campo médico brasileiro.

Respaldado por essas relações, Afrânio Peixoto rapidamente foi galgando espaço no serviço público, com os cargos de inspetor sanitário de saúde pública do Rio

de Janeiro (1902), diretor do Hospital Nacional de Alienados (1903) e diretor do Instituto Médico Legal (1907). No campo da medicina legal, participou ativamente da reforma dos serviços médicos periciais e, em 1906, conquistou finalmente o propósito que tivera ao sair da Província: a vitória no concurso para professor catedrático Higiene e Medicina Legal na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.¹

Sua atuação nestas diversas instituições foi fundamental para o relativo conhecimento de seu nome entre a intelectualidade do período. Contudo, conforme ressalta Marcos Chor Maio,² isso parecia pouco para quem almejava a consagração como escritor e homem de ciência. Sua entrada para a Academia Brasileira de Letras, em 1911, representava a oportunidade que precisava para se projetar como um intelectual de destaque no cenário nacional.

De acordo com análise feita por Dominichi Miranda de Sá, naquele contexto carente de instituições formais de ensino e pesquisa, a entrada para agremiações, academias e institutos garantia a consagração de um intelectual, segundo o critério estabelecido entre os próprios pares. A ABL, naquele contexto, tornava-se o termômetro que media o reconhecimento e o prestígio entre um seletivo grupo de intelectuais. Produzir conhecimentos e partilhar das ideias daquele grupo era algo almejado por todos que ambicionavam debater os projetos nacionais, em um momento em que a intelectualidade se apregoava a missão política de intervir na construção do Brasil e dos brasileiros.³ Mesmo considerada tradicional por boa parte dos críticos, a ABL era o ponto de encontro entre as ideias, os debates e a possibilidade de efetivar as práticas de intervenções políticas, a partir da formação de projetos que efetivamente poderiam ser levados a cabo, quer a partir da propagação das obras, quer a partir das influências que aquele espaço proporcionava.⁴

A entrada de Afrânio Peixoto na ABL significou, de fato, um elemento importante para a sua consagração entre os homens de letras e de ciências, o que ampliou de forma significativa a sua rede de sociabilidade e sua legitimidade enquanto

¹ MAIO, Marcos Chor. Afrânio Peixoto: notas sobre uma trajetória médica. **Revista da SBPC**, n.11, 1994, p. 75-81.

² *Ibid.*, p. 77.

³ SEVCENKO, Nicolau. **A Literatura como Missão**: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.

⁴ SÁ, Dominichi Miranda de. **A ciência como Profissão**: Médicos, Bacharéis e Cientistas no Brasil (1895-1935). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

homem público. A carreira de Afrânio Peixoto foi reconhecida por seus contemporâneos como profícua, tanto no campo da literatura, quanto da higiene e saúde pública, da psiquiatria e da medicina legal.⁵ No campo da literatura, seu nome esteve associado a temáticas centrais que envolveram o pensamento intelectual do período, tais como os debates acerca de gênero, educação, história, raça, nação e sertão.

Além da atuação literária, Afrânio Peixoto se engajou nos propósitos da Academia e considerou aquela instituição um instrumento fundamental para a efetivação do projeto de Brasil que partilhava com partes daquela intelectualidade, que via na propagação da cultura um caminho viável de emancipação nacional. Desde sua entrada em 1911, até sua morte em 1947, Peixoto frequentou assiduamente os encontros, as reuniões e foi um dos que mais apresentou propostas de intervenções para a instituição. Chegou a ser presidente da Academia no ano de 1923 produzindo inúmeros artigos, coletâneas e reformas institucionais.⁶

Tendo como ponto de partida a posse de Afrânio Peixoto na Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira de um dos principais cânones da literatura brasileira, o objetivo deste artigo não é produzir uma análise da trajetória e da obra do médico e escritor baiano, nem mesmo explorar as sociabilidades intelectuais do início do século XX. Nosso interesse consiste, antes, em entender como o debate sobre a construção de imagens e representações do sertão mobilizou os intelectuais brasileiros a partir da obra *Os Sertões* de Euclides da Cunha. De modo mais específico, o objetivo é entender como Afrânio Peixoto, um médico e escritor nascido e identificado com o sertão baiano, se apropria da obra e das representações de Euclides da Cunha para se projetar entre os intelectuais brasileiro, sobretudo no espaço da Academia Brasileira de Letras. Deste modo, o presente artigo busca analisar as aproximações e distanciamentos de Afrânio Peixoto em relação a Euclides Cunha, seja no que tange a interpretação do sertão, seja na descrição de suas personalidades ou de suas identidades intelectuais.

DE OS SERTÕES PARA O SERTÃO: ENTRE EUCLIDES DA CUNHA E AFRÂNIO PEIXOTO

⁵ Para ampliar o conhecimento acerca das ideias propagadas por Afrânio Peixoto no campo da ciência, consultar: SILVA, Renata Prudêncio da. **As Ciências de Afrânio Peixoto**. Tese em História da Ciência. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz, 2014.

⁶ FILHO, Alberto Venâncio. Culto da Imortalidade: Afrânio Peixoto. **Revista da Academia Brasileira de Letras**. Fase VII. Outubro- Novembro- Dezembro de 2007. Ano XIII, No. 56. p. 07-37.

Curiosamente, a trajetória de Afrânio Peixoto no mundo da literatura ganhou sentido exatamente com a sua eleição para sucessor de Euclides da Cunha na ABL. Até aquele momento, o médico não possuía nenhum “romance” propriamente dito, a não ser a publicação em 1900 de *Rosa Mística*, um drama mal aceito pelo público e renegado pelo próprio escritor.⁷ Afrânio Peixoto era autor de diversos textos científicos sobre higiene e medicina, livros didáticos e crônicas literárias publicadas em revistas e periódicos diários. “Eleito a crédito”, como o próprio escritor apresentou sua entrada na Academia Brasileira de Letras, “ficou a incumbência de escrever uma obra que fizesse merecer tão sonhado lugar”.⁸ Foi a partir desse propósito que, três meses após a eleição e antes da cerimônia de posse, o autor lançou a obra *A Esfinge*, romance escrito “a toque de caixa” com o objetivo de respaldar a sua eleição para a ABL.

O livro do novo literato causou desconforto entre os críticos, seja pelo estilo literário quanto pelo azedo olhar republicano que seu romance lançava sobre aquilo que poderia ser chamado de continuação da sociedade imperial. Recebido na ABL por ninguém menos que Araripe Júnior, um dos maiores críticos literários da época, dirigiu-se a Afrânio Peixoto dizendo-lhe: “fostes cruel com a sociedade petropolitana, sociedade de rastaqueras, onde nem ao menos se encontra originalidade no vício, corrompida por emulações de aldeia e depravada por costumes de importação”.⁹ Denunciando, primeiramente, a nossa subserviência às modas e costumes estrangeiros, além de uma clara crítica aos “hábitos e costumes de importação”, Afrânio Peixoto elaborou um rico quadro da vida carioca do início do século, apresentando, inclusive, personagens reais com nomes fictícios nos quais os contemporâneos poderiam se reconhecer. Esse “romance novelesco”, ou romance “à clef”, conforme definiam os críticos literários do momento, causou curiosidade no círculo de intelectuais, particularmente porque tratava-se de uma “narrativa etnográfica”, vista na época com

⁷ MACHADO, Dalila. Breve estudo sobre Rosa Mystica. In: _____. PEIXOTO, Afrânio. **Rosa Mystica: symbolo trágico**. Ed. fac-similar. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, Diretoria de Bibliotecas Públicas, 2000. p. 9-22.

⁸ PEIXOTO, Afrânio. **Discurso de posse para a ABL**. Coleção Discursos Acadêmicos. 1911, s/p. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/afranio-peixoto/discurso-de-posse>

⁹ JUNIOR, Araripe. **Discurso de recepção ao acadêmico Afrânio Peixoto na cerimônia de posse na ABL** em 11 de agosto de 1911, s/p. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/afranio-peixoto/discurso-de-recepcao>.

como um romance realistas sobre a sociedade, uma vez que Afrânio Peixoto narrava as observações levantadas a partir da participação e observação atenta da elite carioca.¹⁰

Se, por um lado, a sociedade descrita por Afrânio Peixoto na obra *A Esfinge* estava “corrompida por emulações de aldeia e depravada por costumes de importação”, como pontuou Araripe Júnior¹¹, havia, por outro lado, uma estratégia de resistência à essa nação que nascia a partir da cópia. A originalidade, a autenticidade, conforme descreveu o autor, encontrava-se “nos confins do Brasil, nas terras largadas por Deus e pelos homens”.¹² Era o sertão e o sertanejo.

O enredo da obra possui constituição simples: trata-se de um jovem artista, Paulo de Andrade, que ao voltar dos estudos que realizara na Grécia, Roma e Egito, encontrou sua prima Lúcia no veraneio em Petrópolis, férias típicas da elite carioca do final do século XIX. Naquele verão, Lúcia estava sendo apresentada para a sociedade, em busca de um bom casamento, conforme expressão da época. Seu pai, o Almirante Aguiar, observava os pretendentes no intuito de identificar o mais vantajoso. “Os homens, tal qual pavões, esforçavam-se por apresentarem-se melhores do que são e para isso não se esquivam em mentir, em construir uma autoimagem completamente falsa. Para tais intentos, muitos deles, recorrem a imprensa”¹³, denunciou o narrador onipresente. Naquele jogo de representações, o pobre artista estava muito aquém de seus concorrentes. Era ingênuo e romântico, não sabia interpretar um papel que não fosse ele próprio. Essa subjetividade vinha, segundo Afrânio Peixoto, da infância, vivida intensamente nos longínquos sertões baianos. “Paulo era um sertanejo exilado no litoral”.¹⁴ Era um jovem nascido no sertão baiano que, em busca de “cultura”, chegara à Capital.

O desfecho da história foi trágico. Depois de se debater no mundo de aparências que se armava nos jantares e recepções da elite carioca, Paulo percebeu que perdera o páreo. Lucía não escolheria o mais romântico, o mais autêntico ou o mais

¹⁰ MARTINS, Wilson. **História da Inteligência Brasileira**. Volume 5 (1890-1915). São Paulo: T. A. Queiroz, 1996.

¹¹ JUNIOR, Araripe. **Discurso de recepção ao acadêmico Afrânio Peixoto**, 1911, s/p. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/afranio-peixoto/discurso-de-recepcao>.

¹² PEIXOTO, Afrânio. **Discurso de Posse para a Academia Brasileira de Letras**. 1911, s/p. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/afranio-peixoto/discurso-de-posse>.

¹³ PEIXOTO, Afrânio. **A Esfinge**. Coleção Obras Completas de Afrânio Peixoto. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1968, p. 234.

¹⁴ Ibid., p. 234.

verdadeiro, escolheria o que lhe garantisse o melhor lugar social, naquele jogo de aparências e superficialidades que caracterizava a “aristocracia” carioca. “Venderia-se por uma pasta de Ministro”, concluiu o artista desiludido.¹⁵ No desespero por ser rejeitado, Paulo decidiu abandonar a capital federal e encontrar refúgio na sua cidade natal, a pequena Amparo, no sertão baiano, região da Chapada Diamantina.

Na segunda parte da obra, Afrânio Peixoto dedicou-se em descrever, problematizar e narrar o sertão que recebera o artista Paulo de Andrade em seu retorno. Usar do recurso literário para descrever o sertão foi uma estratégia que o autor lançou por diversas vezes. Neste sentido, dois pontos tornam-se importantes para entendermos o lugar e as preocupações intelectuais de Afrânio Peixoto no início do século XX, no momento em que assumia a sucessão de Euclides da Cunha na ABL. O primeiro diz respeito às representações que aquela intelectualidade acalentava acerca do sertão e da identidade nacional, traduzida pela força que a obra *Os Sertões* de Euclides da Cunha representava, e o segundo refere-se ao lugar ocupado pelo sertão na obra e no imaginário de Afrânio Peixoto.

A leitura de Euclides da Cunha sobre o sertão e o sertanejo não apenas influenciou sobremaneira os jovens intelectuais do período, como também se tornou um paradigma interpretativo sobre o Brasil e os brasileiros. Desde o aparecimento de *Os Sertões* (1902) que Euclides da Cunha tornou-se um dos intelectuais de maior destaque e referência garantida para todo aquele que se dispusesse a pensar o país. Como bem demonstrou Regina de Abreu, *Os Sertões* exerceu tal impacto entre os intelectuais do período que o livro alcançara sucesso quase imediato, sendo recebido com louvores pelos principais críticos da época, como Araripe Júnior, José Veríssimo e Silvio Romero. Os atributos para a consagração de *Os Sertões*, do ponto de vista destes críticos, encontravam-se tanto no compromisso nacionalista de Euclides da Cunha com a descrição da realidade sertaneja, quanto no domínio dos modernos métodos científicos e na conjugação exemplar da ciência com a literatura.¹⁶

Após 1909, com sua surpreendente morte em tiroteio com o amante de sua esposa, o processo de consagração da obra de Euclides da Cunha prosseguiu, passando sua própria vida a fazer parte desta empreitada, tornando-se uma "vida exemplar", em

¹⁵ PEIXOTO, Afrânio. **A Esfinge**. Coleção Obras Completas de Afrânio Peixoto. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1968 [1911], p. 234.

¹⁶ ABREU, Regina. **O Enigma de Os Sertões**. Rio De Janeiro: Rocco, 1998, p. 101 -102.

um processo que Regina Abreu chegou a chamar de santificação do escritor. A figura de Euclides da Cunha representava para aquela geração a coroação daquilo que vinha se processando desde alguns anos: “a invenção do sertão”.¹⁷

A conquista da cadeira sucessória de Euclides da Cunha por Afrânio Peixoto na ABL, no momento que esse último se encontrava no processo de afirmação de sua identidade intelectual e de sua obra, não era fruto do destino ou simples acaso. Afrânio Peixoto empenhou-se por mais de dois anos nesse propósito e mobilizou suas redes de sociabilidade a fim de atingir tal intento. Ocupar o espaço outrora destinado a alguém de reconhecido destaque como fora Euclides da Cunha garantia ao novo membro uma projeção privilegiada no interior da comunidade intelectual brasileira.

Considerando o fulgor que a obra de Euclides da Cunha havia despertado na intelectualidade do momento e, ainda, o susto e a indignação que sua morte precoce produziu entre estes mesmos intelectuais, ávidos pela continuação de suas ideias, a cadeira sucessória apresentava-se como um grande desafio e, mais ainda, de uma grande responsabilidade. Os processos de conhecimento dos sertões brasileiros a partir das narrativas etnográficas tornaram-se requisitadas por aquela elite que pouco conhecia sobre o interior do Brasil. A influência dos estudos científicos que preconizavam a descoberta do Brasil real, em detrimento do Brasil romântico narrados pelos literatos do século XIX, fizeram com que as narrativas sobre os sertões e sobre os sertanejos entrassem na pauta do dia. A intelectualidade era ávida por conhecer o sertão, um lugar tão próximo e, ao mesmo tempo, tão desconhecido pelos moradores do litoral. Neste sentido, elencando o primeiro ponto do debate, discutiremos quais representações e quais conhecimentos aquela elite intelectual possuía acerca das terras sertanejas brasileiras, e em que medida a obra *Os sertões*, a narrativa literária e etnográfica de Euclides da Cunha, influenciou ou definiu as imagens sobre o sertão e os sertanejos.

OS SERTÕES E AS LEITURAS DO SERTÃO NA TRADIÇÃO INTELLECTUAL BRASILEIRA DE INÍCIO DO SÉCULO XX

Era inegável o impacto causado pelas descrições de Euclides da Cunha acerca da realidade sertaneja na intelectualidade da época, acostumada até então com descrições romantizadas das paisagens e personagens das terras longínquas do Brasil.

¹⁷ ABREU, Regina. *O Enigma de Os Sertões*. Rio De Janeiro: Rocco, 1998, p. 370.

Para Nísia Trindade Lima, uma ressonância imediata a esse impacto pode ser percebida, durante os primeiros anos da República, no expressivo movimento de valorização do ‘sertão real’, “seja enquanto espaço a ser incorporado ao esforço civilizatório das elites políticas do país seja como referência da autenticidade nacional”.¹⁸ Esse interesse pelo sertão poderia ser mais claramente observado através das expedições científicas que começaram a ser realizadas à diferentes regiões do interior do país, como aquelas que acompanharam a Comissão Rondon e as que foram empreendidas pelos cientistas do Instituto Oswaldo Cruz.¹⁹

Euclides da Cunha havia trazido para a pauta do dia aquilo que por muito tempo se ignorou, o chamado ‘Brasil Real’. Abriu caminho para que aquela intelectualidade, “dissolvida em modas francesas” executasse, como pontuou Nicolau Sevcenko, um giro de 180 graus e direcionasse seus olhares para dentro do próprio Brasil, para a nossa realidade sertaneja. Estado, intelectuais e instituições científicas aliaram-se no propósito de reconhecer, catalogar e inserir todos os espaços e todos os personagens da nação. O início das expedições estava associado aos projetos modernizadores e civilizatórios lançados pelo Estado com o intuito de explorar o interior a partir da construção de ferrovias, linhas telegráficas, delimitação de fronteiras, utilização de recursos naturais, obras de saneamento, povoamento e integração do interior ao litoral. Apesar de ações diferenciadas, os termos mais recorrentes encontrados nos relatórios dessas expedições eram os mesmo: sertão, povoamento, civilização e integração do sertanejo à nacionalidade.²⁰

Sabe-se que o “esquecimento” em relação as reais condições do Brasil ou uma atenção mais esmerada dos problemas que afligiam uma ampla população das terras brasileiras era um sério problema, que remontava uma configuração política de muito tempo. De acordo com a historiografia, o sistema republicano brasileiro era dominado neste período por amplas oligarquias regionais, que administravam o país a partir de relações políticas excludentes, autoritárias e corruptas, como o coronelismo, cujo

¹⁸ LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil**: Intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1999, p. 65.

¹⁹ Sobre as expedições científicas realizadas ao interior do Brasil no início do século XX, ver LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil*: Intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1999.

²⁰ LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil**: Intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1999, p.67

modelo de relação política e econômica reforçou a descentralização do poder e a falta de atuação do Estado junto à população do interior do país.²¹ De maneira geral, a administração do Estado ficou nas mãos das grandes oligarquias regionais, que relegaram o atendimento às populações do interior a sua própria sorte. Segundo José Murilo de Carvalho, pelo menos até o final da Primeira Guerra Mundial, o sistema republicano brasileiro não fez nenhum esforço para incorporar a grande maioria da população, principalmente os negros, mestiços e sertanejos. Na verdade, a própria ideia de povo era puramente abstrata para as nossas elites. De outro lado, devido à falta de direitos que garantissem a cidadania, o povo também era, em sua grande maioria, hostil ou totalmente indiferente ao sistema republicano.²²

Uma crítica contundente contra essa realidade política e social aparecia de forma cristalizada na obra *À Margem da História da República*, organizada em 1924 por Vicente Licínio Cardoso, com contribuição de um grupo de jovens intelectuais nascido com a República, entre eles Ronald de Carvalho, Oliveira Vianna, Gilberto Amado, Pontes de Miranda e Alceu Amoroso Lima. De acordo com esta geração, as explicações para os problemas nacionais que caracterizavam a Primeira República encontravam-se na própria instauração do regime republicano, cujo processo teria ocorrido sem uma reflexão mais profunda sobre a organização política, institucional, social e econômica do país.²³ A própria constituição republicana, “uma importação” do federalismo e da democracia norte-americana, não teria produzido um “ideal congênito”, uma coesão e uma densidade social capaz de esboçar “o verdadeiro idealismo orgânico e construtor nacional”.²⁴ Nas palavras de Oliveira Vianna, o fracasso da República Federativa era devido ao “desacordo entre o idealismo da constituição e a realidade nacional”, uma vez que a “beleza doutrinária” da carta republicana não era conveniente ou adaptada às necessidades do país, às suas idiossincrasias, às suas insuficiências e às condições de povo em formação.²⁵ Por não ter desenvolvido um ideal

²¹ CARVALHO, José Murilo de. Brasil 1870-1914: a força da tradição. In: _____. **Pontos e bordados: escritos de história e política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998, p. 119-120.

²² Ibid., p. 120.

²³ CARDOSO, Vicente Licínio. **A margem da História da República**. Brasília: Universidade de Brasília; 1981 [1924, 1º Edição], p. 103-104.

²⁴ Ibid., p.109.

²⁵ VIANNA, Oliveira. O idealismo da constituição. In: CARDOSO, Vicente Licínio. **A margem da História da República**. Brasília; Universidade de Brasília; 1981 [1924, 1º Edição], p. 118.

público e coletivo, o Estado republicano vinha sendo governado, conforme denunciava esses intelectuais, de acordo com os interesses particulares de seus grupos partidários e de seus clãs eleitorais.²⁶

De maneira geral, as denúncias contra a estrutura desse sistema político - que impedia a maior intervenção do Estado nas longínquas regiões do interior, onde os coronéis e as oligarquias agrárias dominavam a vida política e econômica, submetendo os homens do interior as mais precárias condições de existência - apareciam também nos relatórios das expedições científicas publicados nas primeiras décadas do século XX.

Uma das expedições de maior repercussão, e que trazia esse tom de denúncia contra o regime político da Primeira República, ocorreu a partir da expedição que os sanitaristas Arthur Neiva (1880-1934) e Belisário Penna (1868-1939) empreenderam pelos estados da Bahia, Goiás, Piauí e Pernambuco. Organizada pelo Instituto Oswaldo Cruz, sob o financiamento da Inspetoria de Obras Contra as Secas, os viajantes e sua comitiva atravessaram essa região ao longo de nove meses, coletando informações sobre a geografia, o clima, a fauna e a flora da região, bem como dados sobre o quadro de doenças e informações acerca das condições sociais, econômicas e étnicas daquela população. Publicado em 1916 pelas *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, o relatório se transformou num documento fundamental que revelava o estado de miséria e abandono em que vivia a população daquela região.²⁷

O conteúdo do relatório não apenas mobilizou parte da imprensa brasileira acerca de um Brasil praticamente desconhecido, como também se transformou num documento crítico contra a ineficiência do Estado em atender as necessidades mais elementares da população sertaneja, sobretudo no que dizia respeito à saúde, educação, habitação e transporte.²⁸ Neste relatório - que pode ser definido também como um

²⁶ VIANNA, Oliveira. O idealismo da constituição. In: CARDOSO, Vicente Licínio. **A margem da História da República**. Brasília; Universidade de Brasília; 1981 [1924, 1ª Edição], p. 116.

²⁷ NEIVA, Arthur & PENNA, Belisário. **Viagem Científica pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de Norte a sul de Goiás**. Brasília: Academia Brasileira de Letras. 1984 [1916, 1ª edição].

²⁸ Conforme a historiografia tem apontado, todo o movimento em prol do “saneamento do Brasil” - campanha que mobilizou um grande número de médicos, cientistas e intelectuais a partir do final dos anos 1910 e que culminou com a criação do Departamento Nacional de Saúde Pública em 1920 - tem suas origens no efeito que o relatório causou no meio intelectual e político, sobretudo no Rio de Janeiro e em São Paulo (LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. *Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo Movimento Sanitarista da Primeira República*. In: MAIO, Marcos Chor e SANTOS, Ricardo Ventura. **Raça Ciência e Sociedade**. Rio de Janeiro:

verdadeiro “retrato do Brasil”²⁹ - Neiva e Penna denunciavam uma falsa imagem criada ao longo do tempo sobre o interior do país. Ao invés da riqueza exuberante, da existência de uma infinidade de minérios e de um solo fértil, como os românticos poetas brasileiros imaginavam, a visão do sertão se apresentava aos olhos de Neiva e Penna como uma realidade inteiramente diferente. Se fôssemos poetas, diziam eles ao longo das páginas do relatório de viagem,

(...) escreveríamos um poema trágico, como a descrição da miséria, das desgraças dos nossos infelizes sertanejos abandonados, nossos patrícios. Os nossos filhos, que aprendem nas escolas que a vida simples de nossos sertões é cheia de poesia e de encantos, pela saúde de seus habitantes, pela fartura do solo, e generosidade da natureza, ficariam sabendo que nessas regiões se desdobra mais um quadro infernal, que só poderia ser magistralmente descrito pelo Dante imortal.³⁰

A franqueza com que era descrita a vida do sertão, como os próprios autores ressaltavam, certamente não agradava boa parte dos brasileiros do litoral, sobretudo das elites políticas e das oligarquias, que ignoravam as condições em que vivia a população sertaneja. Para Arthur Neiva e Belisário Penna, era “um dever de consciência e de patriotismo” para com a nação denunciar o estado de miséria e abandono do homem do interior. Atitudes como esta, afirmavam os autores, evitaria que os jovens de hoje sofressem “a triste desilusão por que nós passamos quando, através dos livros e romances, havíamos imaginado o Brasil Central um país privilegiado”.³¹ Os cientistas claramente construíam uma denúncia contra a descrição pouco realista que a literatura romântica do século XIX fazia do sertão e do sertanejo, especialmente escritores como José de Alencar, Bernardo Guimarães e Franklin Távora. Na obra destes autores românticos, ou mesmo em parte do pensamento médico oitocentista, predominava uma

Editora Fiocruz, 1996, pp. 23-40. LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil: Intelectuais e representação geográfica da identidade nacional**. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1999; SA, Dominichi Miranda de. Uma interpretação do Brasil como doença e rotina: a repercussão do relatório médico de Arthur Neiva e Belisário Penna (1917-1935). **Revista História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v.16, suplemento 1, jul.2009, p.183-203.

²⁹ LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo Movimento Sanitarista da Primeira República. In: MAIO, Marcos Chor e SANTOS, Ricardo Ventura. **Raça Ciência e Sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1996, pp. 23-40.

³⁰ NEIVA, Arthur e PENNA, Belisário. **Viagem Científica pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de Norte a sul de Goiás**. Brasília: Academia Brasileira de Letras. 1984 [1916, 1ª edição], p. 222.

³¹ Ibid., p. 222.

visão profundamente idílica do interior, por meio da qual a natureza era descrita como exuberante, o sertão como um espaço saudável e os sertanejos vistos como homens vigorosos e inatamente bondosos.³²

O retrato do sertão esboçado por Neiva e Penna transformou-se também num importante documento contra o determinismo racial e climático. De acordo com estes autores, o problema que afligia a população do sertão não dizia respeito ao clima ou à raça, mas sim à doença e às péssimas condições de vida a que estavam submetidas, sendo um equívoco habitual dizer que o sertão era um lugar inaproveitável para viver e que o “povo sertanejo” era indolente. Em suas palavras, “a ausência de esforço e iniciativa dessa pobre gente, é proveniente do abandono em que vive, e da incapacidade física e intelectual, resultante de moléstias deprimentes e aniquiladoras”.³³ Quando saudáveis e bem alimentados, argumentam Neiva e Penna em uma das passagens marcantes do relatório, os vaqueiros se apresentavam como “tipos dignos de toda a simpatia e admiração”. Somente quem os viu vaquejar “poderá avaliar a extraordinária energia física e inigualável coragem que possuem; eles demonstram que aquela gente tem energias capazes dos maiores feitos e até hoje, nada vimos em arrojo, sangue frio, resistência e agilidade, comparáveis às façanhas daqueles homens”.³⁴

Seguindo os argumentos de Euclides da Cunha, os relatórios das duas expedições apresentavam o sertanejo como uma “raça forte”, apesar das péssimas condições do meio e do abandono em que vivia.³⁵ Curiosamente, como já apontamos,

³² LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo Movimento Sanitarista da Primeira República. In: MAIO, Marcos Chor e SANTOS, Ricardo Ventura. **Raça Ciência e Sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1996, pp. 23-40, p.28.

³³ NEIVA, Arthur e PENNA, Belisário. **Viagem Científica pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de Norte a sul de Goiás**. Brasília: ABL, 1984 [1916, 1ª edição], p. 221.

³⁴ Ibid., p. 222, p.167.

³⁵ Embora não haja no relatório referências diretas a obra *Os Sertões*, Neiva e Penna parecem querer repetir o argumento de Euclides da Cunha: “*O sertanejo é antes de tudo um forte*”. Ao descrever um grupo de sertanejos que os acompanharam durante um longo trecho da expedição, realizada desde Juazeiro, na Bahia, até o sertão de Goiás, Neiva e Penna argumentavam: “apesar de rústicos e analfabetos quase todos serviram-nos com dedicação, concorrendo eficazmente para a marcha excepcional que realizamos. Eram eles os primeiros que se levantavam, geralmente as quatro e meia da madrugada, às vezes mais cedo e os últimos que se acomodavam quando chegávamos aos pousos. Realizaram todo o percurso a pé, utilizando-se algumas vezes de animais adestros. Em resistência, *duvidamos que haja raça igual à do sertanejo do nordeste*. Dê-se-lhe carne de sol, farinha e rapadura e ele caminhará, à pé, sem desfalecimento, meses a fio, por quaisquer regiões [grifo nosso]. NEIVA, Arthur e PENNA, Belisário. *Viagem Científica pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de Norte a sul de Goiás*. Brasília: Academia Brasileira de Letras. 1984 [1916, 1ª edição], p. 222, p. 220.

além das duas expedições terem sido realizadas em 1912, a publicação de seus relatórios ocorreu com diferença de apenas um ano, ambos publicados em periódicos científicos das instituições as quais se encontravam. Tais fatos demonstram quão sintonizados estavam estes intelectuais e as instituições científicas brasileiras em relação à redescoberta do sertão e do sertanejo no início do século XX. Para estes “homens de ciência”, como vimos, a razão do “atraso” em que se encontrava o sertanejo não deveria ser atribuída a sua formação racial, mas às condições sociais, especialmente ao grande número de doenças, o analfabetismo e a desnutrição, fruto do abandono em que o Estado o havia relegado ao longo da história.

QUEM SAI, QUEM ENTRA: O DISCURSO DE POSSE E A DELIMITAÇÃO DE UMA NOVA VISÃO SOBRE O SERTÃO

Diante do significado que o nome de Euclides da Cunha havia alcançado entre os brasileiros, especialmente pela força expressiva de *Os sertões*, Afrânio Peixoto procurou em seu discurso de posse na ABL narrar a personalidade, a obra, a importância intelectual e política que o membro havia representado nos debates públicos, que tanto interessavam à Academia. Neste sentido, Afrânio Peixoto iniciou seu discurso descrevendo a personalidade forte de Euclides da Cunha e sua estreita relação com o sertão e os sertanejos. Seguindo o formato da obra do antigo ocupante, intitulou essa primeira parte da narrativa de *Euclides da Cunha: o Homem*. Neste item, Peixoto descreveu detalhadamente “as subjetividades” de Euclides, particularmente no que diz respeito a sua impetuosidade. Diversas passagens da vida do engenheiro foram lembradas com o intuito de demarcar a personalidade “selvagem”, “passional” e “autêntica” do engenheiro. Afrânio chegou a fazer um paralelo entre o homem Euclides e a paisagem sertaneja a qual ele descrevia: “Se buscasse símile nacional, para comparar ao sertão, desmedido e bárbaro, teria Euclides da Cunha”.³⁶

Em 1911, quando Afrânio Peixoto realizou o discurso de posse, a consagração de *Os Sertões* já estava consolidada. Conforme já destacamos, os resultados imediatos de tentativa de reconhecimento daquele sertão descrito por Euclides resultaram numa série de iniciativas do Estado brasileiro, como o financiamento de inúmeras expedições científicas empreendidas pelo interior do Brasil. Euclides da Cunha fez parte, inclusive,

³⁶ PEIXOTO, Afrânio. *Discurso de Posse para a Academia Brasileira de Letras*. 1911, s/p. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/afranio-peixoto/discurso-de-posse>.

de uma destas expedições de reconhecimento das “terras largadas do Brasil”. Logo após o lançamento de *Os Sertões*, e em virtude do sucesso alcançado, o autor “saiu para missão de caráter técnico e ao mesmo tempo diplomático, chefiando a missão brasileira de reconhecimento do Alto Purus”.³⁷

Semelhante a quase toda a geração de intelectuais do início do século, a leitura d’*Os Sertões* foi fundamental para Afrânio Peixoto e representou, sem dúvidas, um divisor de águas. Era impossível ficar alheio aquilo que o livro trazia. Os principais temas do momento haviam sido abordados em toda a sua complexidade, sem enfeites ou atenuantes. Nas palavras de Afrânio, “Euclides retrata nos caracteres de sua obra a impressão conjunta das paisagens e das gentes do Brasil. Nenhum dos nossos artistas é como ele representativo deste meio e deste momento que atravessamos”.³⁸ Ao construir o discurso de posse e assumir a cadeira de Euclides da Cunha, Afrânio Peixoto quis delimitar as diferenças entre ele e o autor d’*Os Sertões*, no intuito de significar o seu lugar na Academia e de justificar a sucessão.

Neste sentido, Afrânio Peixoto descrevia Euclides da Cunha como um homem intempestivo, dado a rompantes de fúria e de bravura “destemida e improdutiva”.³⁹ Com o objetivo de materializar estes adjetivos, em seu discurso de posse na ABL relatou os fatos ocorridos na Escola Militar quando Euclides foi convidado a se retirar do meio dos demais por injuriar os oficiais do exército imperial, ou, ainda, quando, em um ato de eximia coragem, escreveu um artigo que delatava os práticas covardes da República contra os oficiais da marinha na Revolta Armada de 1897. De acordo com Afrânio Peixoto: “Entre brasileiros coactos e brasileiros desçaímados, não houve quem punisse pela honra de uma civilização que recuava assim até se renegar, menos que em tirania cesariana, na chacina da caudilhagem. Houve apenas um homem. Foi Euclides da Cunha”.⁴⁰ Todos estes atos, segundo Afrânio Peixoto, demonstravam o caráter passional do autor d’*Os Sertões*. O médico enfatizou que esses “ímpetos de caráter”

³⁷ PEIXOTO, Afrânio. **Discurso de Posse para a Academia Brasileira de Letras**. 1911, s/p. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/afranio-peixoto/discurso-de-posse>.

³⁸ Ibid.

³⁹ Ibid.

⁴⁰ Ibid.

acompanharam Euclides por toda a sua vida e se revelaram sobremaneira na sua morte, vista por Peixoto como absurda e por vezes ridícula.⁴¹ Segundo o escritor baiano:

Aquela bravura improdutiva e arrogante [de Euclides da Cunha], aquele amor do gesto vistoso e da palavra sonora, aquele despreendimento das utilidades e das conveniências, contidos dentro de timidez, que antes a suspeição tácita da inferioridade dos outros, da modéstia, que era apenas a consciência segura de um justo orgulho, e que sintetizam a sua vida, ruidosa e vazia, gloriosa e desaproveitada, admirada e desquerida.⁴²

Os Sertões seria, segundo o novo acadêmico, reflexo da personalidade de Euclides da Cunha em meio aos sertões brasileiros. “O amor pelo gesto vistoso e pela palavra vazia” se refletiu num espaço selvagem, prenhe de crimes, violências e abandono, numa natureza misteriosa e cruel e resultaram “muito mais do que Euclides da Cunha sentiu do que realmente aquilo que viveu”, concluiu o médico e escritor baiano.⁴³ Tudo isso teria despertado a veemência de Euclides, que já a trazia na alma. “É que, propriamente, ele não observava para descrever; comentava-se na natureza, nas gentes, nas ideias, retratando-se nelas. Ilustrava, na realidade, o seu pensamento. E como ele todo fervia tumultuoso e transbordante, sente-se menos o que descreve, profliga ou ensina, que todo o seu espírito agitar-se em sua obra, assanhado e rebelde, soberbo e vitorioso”. Para Peixoto, a falta de descrições singelas sobre o sertão se explicavam justamente porque Euclides se descrevia naquelas paisagens e, neste sentido, não haveria espaço para a poesia, para as delicadezas, porque todo ele era tempestade.⁴⁴ Em Euclides da Cunha, segundo seu interprete,

(...) tudo eram explosões e arestas. Não tinha matizes nem reflexões. Desconhecia os meios-tons e as transições insensíveis. Era, por isso, incapaz da ternura e da piedade; não há uma só de suas páginas em que a gente sinta os olhos se molharem de suave quentura comovida. Não escreveu de um regato, de um crepúsculo, canto de pássaro ou capricho de mulher. Jactou-se mesmo, certa vez, de não haver em todos os seus livros uma só destas criaturas. Talvez venha daí a

⁴¹ Euclides da Cunha morreu em um duelo com Dilermando de Assis, possível amante de sua esposa Anna Emilia Solon Ribeiro, em 15 de agosto de 1909. Na época o escritor tinha 43 anos de idade. Para maiores detalhes sobre o drama passionnal que envolveu Euclides da Cunha, ver DEL PRIORE, Mary. *Matar para não morrer*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva. 2009; GALVÃO, Walnice Nogueira. *Euclides da Cunha – Autos do processo sobre sua morte*. São Paulo: Terceiro nome, 2009.

⁴² Ibid.

⁴³ Ibid.

⁴⁴ Ibid.

admirável coerência de sua obra: certamente, por isso, lhe falta aquele encanto frívolo e frágil.⁴⁵

Como se pode perceber, na tentativa de situar o seu lugar na Academia, Afrânio Peixoto exaltou o lado passional e impetuoso de Euclides da Cunha, apontando para o que representava aquela sucessão: tratava-se de uma nova maneira de olhar para os sertões, de ver estas terras a partir das suas singularidades, daquilo que trazia de autêntico, de sutil, de bonito, conforme a sua própria leitura sobre o sertão já vinha apontando na obra *A Esfinge*. Entretanto, considerando que entre os intelectuais de sua geração vigorava uma crítica aos românticos do século XIX, o novo membro não queria ser confundido com o movimento do romantismo. Afrânio Peixoto pretendia narrar o sertão do ponto de vista da ciência, mas afastando-se “das imagens grotescas trazidas por Euclides da Cunha”.

Neste sentido, percebemos que as pretensões de Afrânio Peixoto estavam atreladas a construção da sua figura intelectual e, ao mesmo tempo, de sua própria identidade social. Podemos dizer que o escritor baiano se via no sertanejo narrado n’*Os Sertões*, descrito como um homem forte, o cerne da nacionalidade brasileira. De outro lado, é possível dizer que, para Afrânio, descrever o sertão significava falar de si mesmo. Considerando que a obra de Euclides da Cunha, bem como os diferentes relatórios de médicos, intelectuais e militares que participaram de expedições realizadas ao interior do Brasil no início do século XX, apontavam o sertão como um lugar insalubre, corrompido pela doença ou pela barbárie, Afrânio Peixoto esforçava-se por ressignificar estas descrições, atribuindo novos sentidos a sua identidade como sertanejo e, ao mesmo, as suas memórias sobre o sertão e a uma certa imagem de como deveria ser representado o interior do país.

Para legitimar as narrativas que a obra literária de Afrânio Peixoto trazia sobre as terras sertanejas, seu discurso de posse na ABL foi uma tentativa constante de apontar que a substituição da cadeira de Euclides da Cunha, o engenheiro bárbaro, seria ocupada pelo ateniense e tranquilo escritor baiano.⁴⁶ Por diversas passagens, Afrânio Peixoto utilizou-se daquilo que chamou de “contrastos” existentes entre ele e Euclides da Cunha, chegando a inferir que haveria certa “malícia” por parte dos membros da

⁴⁵ PEIXOTO, Afrânio. **Discurso de Posse para a Academia Brasileira de Letras**. 1911, s/p. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/afranio-peixoto/discurso-de-posse>.

⁴⁶ Ibid.

ABL naquela sucessão. “Aquele bárbaro, espantado e espantoso quando escrevia, supunha-se policiado, civil e mesureiro. Contava-se que Joaquim Nabuco dissera de Euclides que ele escrevia com um cipó”.⁴⁷ A “grosseria” de Euclides da Cunha representada pelo crítico ao atribuir-lhe uma “escrita com um cipó” era uma das características mais recorrentes, segundo várias leituras, das abordagens do autor. Regina Abreu reforça essa particularidade ao lembrar que “até admiradores seus vão apontar, após sua morte, o seu temperamento como o de um neurastênico”.⁴⁸

Marcando, portanto, um novo olhar para as terras sertanejas, Afrânio Peixoto descreveu o sertão como um lugar autêntico, saudável, singular, formado por sertanejos fortes e criativos. Diante das intempéries da vida o sertanejo se posicionava como um monge, esperando a desgraça passar ou recorrendo aos conhecimentos, às religiosidades e às sabedorias populares. Lidava muito bem com a morte e com as doenças e posicionava-se positivamente frente à vida. Nada o abalava ou o espantava. Não era dado a superficialidades. Não ligava para dinheiro ou status social, não sabia interpretar papéis. Era ágil, forte, trabalhador, acolhedor e saudável. Para realizar estas leituras, Afrânio Peixoto recorreu à construção de alguns personagens, tais como a descrição de José Lopes. Segundo a narrativa literária:

Duas ou três vezes se havia encontrado com um homem forte, de rosto afogueado e barba ruiva, vestido de brim pardo, botas e chapéu de couro curtido, a falar alto ou a rir ruidosamente com a boca cheia de dentes alvos eãos. Tinha aspecto alegre e animador, era ouvido com atenção e correspondia pela palavra e pelo gesto com as almas obscuras e tímidas que o cercavam. Era o senhor José Lopes, do Encravado, boa pessoa, muito dada.⁴⁹

Paulo, que vislumbrara a vida na cidade grande, cercado de luxos e de progressos, concluiu que ali encontrava-se a felicidade autêntica, genuína:

- Vê-se que tudo é sadio por aqui... mas apesar disto o senhor se distingue... chamou-me atenção a sua alegria... - Graças a Deus, meu amigo. E satisfeito com o cumprimento, o José Lopes ria e tirava o chapéu, rendendo graças. – Ando com quarenta e cinco nas costas, sem uma dor de cabeça, nem um dia de cama... Os trinta e dois dentes que Deus me deu, aqui estão... sem uma dor... e abrindo a boca passava o dedo nos queixos fortes, onde a dentuça alva se alinhava

⁴⁷ PEIXOTO, Afrânio. **Discurso de Posse para a Academia Brasileira de Letras**. 1911, s/p. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/afranio-peixoto/discurso-de-posse>.

⁴⁸ ABREU, Regina. **O Enigma de Os Sertões**. Rio De Janeiro: Rocco, 1998, p. 287.

⁴⁹ PEIXOTO, Afrânio. **A Esfinge**. Coleção Obras Completas de Afrânio Peixoto. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1968 [1911], p. 167.

disciplinada. – Minha vida é a mesma coisa... Vou topando os trabalhos sem esmorecimento nem cansaço... e vai dando certo... Admirava Paulo melhor de perto aquela esplêndida saúde física, correspondida pela confissão de uma vida igual. E concluiu a sua observação com uma pontinha insensível de inveja a tanta felicidade junta: - É feliz... teve sorte! - A sorte quem faz é a gente! – replicou José Lopes imediatamente. E despediu-se o Zé Lopes, desempenado e forte, pisando duro e contente, com uma alegria de viver que quase lhe dava inveja. Por que não era ele assim? Voltando a casa, à tardinha e à noite, de vez em quando, a memória lhe representou a face corada, a voz alta, o gesto desimpedido e a atitude robusta do sertanejo, que lhe repetia essa verdade simples e profunda que a vida lhe ensinara e a história dele ilustrava como demonstração categórica: - A sorte quem faz é a gente!⁵⁰

Segundo o romance de estreia de Afrânio Peixoto, no sertão encontravam-se modelos exemplares da nossa nacionalidade, representados pelo sertanejo forte, destemido, corajoso, cercado de saúde e de alegria de viver. A lição transmitida ao desiludido artista era a de que os luxos do progresso, do dinheiro, das festas, dos salões não valiam de nada se comparados a alegria simples e verdadeira, porque não se baseava em sentimentos fugidios.

Ressignificando, portanto, as sociabilidades do mundo sertanejo e a imagem acerca do homem do sertão, Afrânio Peixoto não poderia angariar legitimidade se fechasse os olhos para os problemas enfrentados pelos moradores dos confins brasileiros. Entretanto, preferia enfatizar que o maior problema do Brasil não era a doença ou a barbárie atribuída pelas expedições científicas ou pelas narrativas de Euclides da Cunha. O sertanejo Zé Lopes representado em sua literatura era exemplar de um estilo de vida que fazia inveja aos “homens civilizados do litoral”, pois o lado grotesco do sertão não se diferenciava daqueles males tão difundidos no litoral. Tratava-se de questões de cunho político e jurídico. E esse não era um mal do sertão, mas um mal do Brasil. Afrânio Peixoto quis demonstrar que o aspecto cruel do sertão não era o caráter indômito da natureza ou a geografia inóspita, como descrevera Euclides da Cunha, mas aquele que decorria da atuação humana:

(...) Justiça corrompida e explorada: viúvas e órfãos deserdados por contas fictícias e hipotecas falsas: arbitrariedades, violências, crimes e a impunidade resultante das culpas não formadas, dos despronunciamentos escandalosos ou absolvição dos júris venais: rendas públicas fraudadas, administração parasitária dos apaniguados,

⁵⁰ PEIXOTO, Afrânio. **A Esfinge**. Coleção Obras Completas de Afrânio Peixoto. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1968 [1911], p. 170.

o povo sem instrução, nem conforto, ou segurança... a assistir a tudo isto, a Lei, vigilante, pela política, pela polícia, protegendo o interesse de muitos e mantendo a covardia de todos.⁵¹

Nesse sentido, o jovem escritor introduzia uma leitura do Brasil que defenderá ao longo de sua trajetória: o sertão não estava muito longe daquilo que se vivia no litoral. O que fazia a nossa ruína não eram nossas características geográficas, mas a falta de educação, justiça e democracia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que vemos apontar com a entrada de Afrânio Peixoto na Academia Brasileira de Letras, particularmente quando atentamos para o fato de que o novo acadêmico fez questão de produzir uma obra literária que trouxesse como parte mais importante da narrativa a descrição dos sertões, é a definição de uma nova perspectiva acerca daqueles espaços. No discurso de posse na ABL, Peixoto fez questão de salientar as características subjetivas de Euclides da Cunha. Todo o discurso foi construído a partir de recortes da vida do engenheiro, particularmente no que se refere ao seu temperamento. Araripe Júnior também seguiu esta mesma perspectiva e fez questão de salientar as diferenças existentes entre o antigo ocupante da cadeira e aquele que estava prestes a possuí-la. Segundo o crítico, tratava-se da substituição de Dionísio (Euclides da Cunha) por Apolo (Afrânio Peixoto), mas de uma sucessão adequada:

Apesar do contraste existente entre os dois temperamentos, – entre o de um bárbaro genial, que se exprimia e descrevia, por meio de relâmpagos coetâneos da formação da terra, as sublevações, a ferocidade da sociedade bravia e inconsciente do sertão, e do ateniense tranquilo, ditirâmico e ao mesmo tempo satírico, embalado no colo de Helena (...): é preciso convir que nenhuma sucessão seria mais propícia do que esta, – a do espírito dionisíaco pelo apolíneo.⁵²

Ou seja, aquele sertão “nu e cru” trazido pela escrita de Euclides da Cunha, fora lapidado por um espírito científico e político mais amplo, mas equilibrado, construído na *Ágora* intelectual da qual o novo membro fazia parte. Parece-nos que a grande questão posta em análise no momento da recepção de Afrânio era, tanto pelo discurso produzido para apresentar a herança intelectual de Euclides da Cunha quanto

⁵¹ PEIXOTO, Afrânio. **A Esfinge**. Coleção Obras Completas de Afrânio Peixoto. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1968 [1911], p. 144.

⁵² JUNIOR, Araripe. **Discurso de recepção ao acadêmico Afrânio Peixoto**, 1911, s/p. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/afranio-peixoto/discurso-de-recepcao>.

pelo discurso que recebeu o membro atual, fazer um divisor de águas, não apenas do tipo de intervenção intelectual, mas do tipo de atuação política. Tanto para Araripe Junior quanto para Afrânio Peixoto a impetuosidade de Euclides da Cunha era desmedida. Sua jactância, teimosia, insistência marcavam um tempo passado, onde os enfrentamentos geravam guerras e derramamentos de sangue. Marcavam um período de extremismos, de partidos estanques, de amigos *versus* inimigos. *Os Sertões*, trazia, na opinião do novo acadêmico, esse Brasil erguido na violência, na impetuosidade. Onde não se encontrava o polimento e faltava uma análise mais apurada da nossa realidade. Faltava para Euclides da Cunha, segundo o discurso de Afrânio Peixoto, os dons do conhecimento científico que estaria sendo propagado, a partir daquele momento, pelo “ateniense tranquilo” que o substituiria na cadeira de número sete.

A entrada de Afrânio Peixoto como membro da Academia e como escritor marcaria não apenas uma nova maneira de pensar o sertão e produzir conhecimentos no país, mas também no modo de ser e de forjar a identidade intelectual. Araripe Junior foi enfático ao afirmar, por várias em sua recepção a Afrânio Peixoto, que a sucessão de Euclides da Cunha se dava por contrastes. Peixoto era um homem de ciência, “um observador e clínico da alma humana. Ninguém mais apto para tratar do autor *d’Os Sertões*, que foi um acaso excepcional e curioso de psicologia, do que o homem de ciência e de letras que sois”. O cipó fora substituído pelo bisturi. “Não há como elogiar a ironia e a malignidade sorridente quando descrevestes o meio social em que vivemos. O escalpelo nas mãos desse operador delicado retalha as carnes sem dó”.⁵³

Se a permanência dos debates acerca dos sertões brasileiros mobilizava os intelectuais do período, influenciados pelas novas imagens sobre o Brasil representada por viajantes e intelectuais que se aventuravam pelo interior do território nacional, a obra de Afrânio Peixoto pretendia atuar sobre esse debate, ocupando um espaço político importante no modo de representar o Brasil e os brasileiros. Como a historiografia tem apontado, o sertão estava sendo redescoberto pela ciência e a atuação efetiva para a transformação da realidade nacional viria a partir da atuação dos homens de ciência na arena pública, proporcionando a construção de uma nação moderna, coordenada pelos ímpetos do saber e não mais pelo derramamento de sangue, como fora outrora a Guerra de Canudos.

⁵³ JUNIOR, Araripe. **Discurso de recepção ao acadêmico Afrânio Peixoto**. 1911, s/p. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/afranio-peixoto/discurso-de-recepcao>.

Defender um sertão em que o maior mal fosse a política e a justiça que ainda era praticada aos moldes daquilo que vigorou no império, ou seja, pelos mandos e desmandos dos coronéis, era uma maneira de construir uma crítica à elite política e as oligarquias daquele início de século. Nestes termos, a autenticidade do Brasil encontrarse-ia no vigor dos sertanejos, contra as superficialidades da sociedade carioca que se sustentava nas cópias europeias. E, principalmente, no combate a ideia prevalente entre grande parte dos intelectuais daquela geração, segundo a qual o sertão representava um dos maiores males do Brasil, um espaço de barbárie e doença, um entrave para a civilização e a entrada do país no “concerto das nações”.

RECEBIDO EM: 04/04/2017

APROVADO EM: 13/06/2017



www.revistafenix.pro.br